

# Empreendedorismo e a Pessoa com Deficiência Física: Dificuldades e Barreiras no Processo de Inclusão

## Entrepreneurship and the Disabled Person: Difficulties and Barriers in the Process of Inclusion

Jacqueline Lidiane de Souza Prais<sup>\*\*</sup>; Suzi Lane Amadeu Gussi<sup>a</sup>; Juliana Irani Villanueva dos Reis<sup>a</sup>; Jair de Oliveira<sup>a</sup>

<sup>a</sup>Universidade Tecnológica Federal do Paraná – Campus Londrina, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências Humanas, Sociais e da Natureza.

\*E-mail: jacqueline\_lidiane@hotmail.com

---

### Resumo

O presente artigo discute a temática do empreendedorismo e as possibilidades no processo de inclusão da pessoa com deficiência neste campo. Propõe-se como problema de pesquisa a seguinte questão de investigação: Como o empreendedorismo pode contribuir com a inserção da pessoa com deficiência no mercado de trabalho? Elenca-se como objetivos específicos: apresentar o histórico e conceito de empreendedorismo; identificar dificuldades e barreiras para a pessoa com deficiência tornar-se um empreendedor; discutir sobre as possibilidades do empreendedorismo e os princípios da educação empreendedora para a pessoa com deficiência. Para atingir os objetivos, selecionou-se como encaminhamento metodológico a pesquisa bibliográfica complementada à pesquisa de campo, por meio de um estudo de caso, em uma abordagem descritiva e qualitativa. Como principais resultados reconhece-se o empreendedorismo como uma oportunidade de inclusão para pessoas com deficiência e que a deficiência, em tese, não inviabiliza o desenvolvimento da capacidade empreendedora. Nessa perspectiva, indica-se que a falta de acessibilidade e de mobilidade como as principais dificuldades e barreiras para pessoa com deficiência tornar-se um empreendedor, além da existência nas relações comerciais de certo estigma em se negociar com um empreendedor com deficiência. Evidencia-se que o empreendedorismo é uma possibilidade qualitativa para inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, bem como ferramenta que possibilita minimizar problemas sociais e históricos em relação à pessoa com deficiência e sua capacidade empreendedora.

**Palavras-chave:** Empreendedorismo. Pessoa com deficiência física. Educação Empreendedora. Processo de inclusão.

### Abstract

*This article discusses the entrepreneurship thematic and the possibilities in the inclusion process of the disabled person in this area. The following investigation question in proposed as the research problem: How can the entrepreneurship contribute to the disabled person insertion in the labor market? The following are listed as specific objectives: to present the entrepreneurship history and concept; to identify difficulties and barriers for the disabled person to become an entrepreneur; to discuss the entrepreneurship possibilities and the entrepreneur education principles for the disabled person. To achieve the goals, as a methodological follow-up the bibliographic research complemented to the field research through a case study made by a descriptive and qualitative approach was selected. As main results, entrepreneurship is recognized as an inclusion opportunity inclusion for disabled people is recognized. In thesis, the disability does not prevent the development of entrepreneurial capacity. From this perspective, it is stated that the lack of accessibility and mobility as the main difficulties and barriers for disabled people to become entrepreneurs, besides the existence of a stigma in trade relations to deal with a disabled entrepreneur. It is evidenced that the entrepreneurship is a qualitative possibility for the disabled person inclusion in the labor market, as well as an instrument which makes possible to minimize social and historical problems regarding to the disabled person and his/her entrepreneur ability.*

**Keywords:** Entrepreneurship. Disabled person. Entrepreneur education. Inclusion process.

---

### 1 Introdução

O Governo Federal brasileiro, por meio de políticas de proteção do cidadão, oferece às pessoas com deficiência programas de inclusão no mercado de trabalho e programas assistenciais. O intuito destas ações é beneficiar a pessoa com deficiência, de qualquer idade, com impedimentos de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, uma vez que estes impedimentos em interação com diversas barreiras podem limitar sua participação plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas (DOLABELA; TORQUATO, 2015).

Porém, pensar nas potencialidades e nas vias compensatórias para atuação profissional da pessoa com deficiência, de forma qualitativa e quantitativa, parece, ainda,

ser algo bem distante das intenções do processo produtivo capitalista (DOLABELA; TORQUATO, 2015; ELIAS, 2012; GIL, 2002; RODRIGUES, 2007; SASSAKI, 2003, 2006; SARAIVA; IRIGARAY, 2009; WALDEMAR, 2012).

No âmbito da inclusão profissional, as empresas oferecem oportunidades de trabalho, porém as pessoas com deficiência não atendem plenamente as competências exigidas pelo mercado. Para Ribeiro e Lima (2010), a inserção de pessoas com deficiência no contexto do trabalho formal sempre representou um problema. O mercado de trabalho apresenta, cada vez mais, essas características e, frequentemente, as exigências quanto à qualificação dos possíveis candidatos não são preenchidas por estes. Dessa forma, nos processos seletivos, as pessoas com alguma limitação física, sensorial ou mental tendem a ficar em posição de desvantagem e perdem

na competição com os demais candidatos. Para Manhães (2010, p.255):

Historicamente, as políticas de atenção à deficiência no Brasil apresentam cunho paternalista e tutelar relacionado à mera distribuição de benefícios, sem reconhecer os direitos das PcDs (pessoas com deficiência) como cidadãs. Foi somente a partir da década de 1990, com o fortalecimento do movimento pela autonomia e inclusão social, que as políticas públicas voltadas a essa área passaram a investir em outras estratégias, como as cotas, [...], e a acessibilidade, [...].

No âmbito do assistencialismo, os programas cumprem seu papel social, de assegurar aos necessitados garantias de sobrevivência e da dignidade humana, como o Benefício de Prestação Continuada da Assistência Social - BPC, instituído pela Constituição Federal de 1988 e regulamentado pela Lei Orgânica da Assistência Social – LOAS, Lei nº 8.742 de 7/12/1993 (BRASIL, 1993). Esse programa é um dos maiores do mundo no quesito ação e assistência social de caráter quantitativo e qualitativo, porém, como todos os processos de assistência, este apresenta algumas carências. Se por um lado assegura ao deficiente o recebimento de um valor mensal, por outro, os seus mecanismos de concessão, suspensão e reativação desestimulam o beneficiário a buscar novas oportunidades de renda e de trabalho, pois ele precisa cumprir o critério de renda mínima. Para receber o benefício, ele precisa comprovar não possuir meios de prover a própria manutenção ou de tê-la provida por sua família (BRASIL, 2011).

Considerando que o mercado de trabalho é, muitas vezes, competitivo e inseguro, e de que a retomada do benefício pode prolongar-se diante da necessidade de se cumprir certos requisitos, a pessoa com deficiência tende a não arriscar a perda do BPC, mesmo que temporária, para assumir uma vaga de emprego. Atualmente, a pessoa que ganha este benefício ao assumir um emprego pode ter apenas o seu benefício suspenso, se for demitida ou pedir demissão poderá pedir a reativação do benefício. Porém essa reativação passa por um período de exigências burocráticas, que dificulta este pagamento em tempo hábil, desestimulando a permanência ou, até mesmo, a inserção de outras pessoas com deficiência no mercado de trabalho. Essa situação pode desencadear a intenção da pessoa com deficiência de “não arriscar” a perda da BPC para assumir uma vaga de emprego (DOLABELA; TORQUATO, 2015).

Contudo, o empreendedorismo pode acolher, oportunizar e representar uma possibilidade de inclusão da pessoa com deficiência no mundo do trabalho (DOLABELA; TORQUATO, 2015). A perspectiva do empreendedorismo parte das potencialidades, particularidades, especificidades de cada empreendedor para criação e execução de uma atividade empresarial, ou seja, inovar e implementar novas possibilidades de desenvolvimento econômico (SOUZA, 2006; LOPES, 2010; DOLABELA; TORQUATO, 2015).

A partir de leituras realizadas e experiências profissionais, na área da Educação Especial, surgiu o interesse em pesquisar

o tema do empreendedorismo e as possibilidades no processo de inclusão da pessoa com deficiência. Assim, definiu-se a seguinte questão de investigação: Qual o papel da atividade empreendedora na inserção de pessoas com deficiência no mercado produtivo?

Dentre os estudos desenvolvidos nesse tema, sublinhase a pesquisa desenvolvida por Radenti, Garcia e Oliveira (2014) que apresenta uma entrevista estruturada realizada com uma empreendedora com deficiência de ascendência nipônica, proprietária de uma empresa na área de Aviaamentos/Armarinhos da cidade de Maringá, no Estado do Paraná. Nessa pesquisa identificam-se elementos relevantes para conhecimento do tema e possibilidades de estudos futuros nessa área, bem como em evidenciar contribuições para o desenvolvimento desse artigo.

Para responder à questão problematizadora da pesquisa, elencaram-se os seguintes objetivos específicos: identificar dificuldades e barreiras para uma pessoa com deficiência tornar-se um empreendedor, discutir sobre as possibilidades do empreendedorismo para inclusão no mercado de trabalho para pessoa com deficiência, que correspondem, respectivamente, às seções do artigo. Para atingi-los, selecionou-se como encaminhamento metodológico a pesquisa de campo por meio de um estudo de caso em uma abordagem descritiva e qualitativa.

## 2 Material e Métodos

Para que o problema fosse respondido, evidenciou-se que o ponto de partida seria ouvir uma pessoa com deficiência empreendedora, que pudesse levantar suas ideias, registrá-las e analisá-las considerando o referencial teórico adotado. Nesse sentido, aprofunda-se as leituras para definir o tipo de pesquisa adequada para analisar esse fenômeno. Portanto, foi adotada: a pesquisa de campo, sendo esta na modalidade de estudo de caso; escolha do sujeito da pesquisa realizada por critério de acessibilidade, elaboração de um instrumento de coleta de dados definida pela entrevista com roteiro semiestruturado, a coleta de dados propriamente dita, por meio da entrevista e observação na empresa; e por fim, definindo a análise de conteúdo como a técnica para interpretação dos dados.

### 2.1 Procedimentos metodológicos

Utilizou-se a pesquisa bibliográfica, que consiste em um levantamento de dados, tendo como finalidade colocar o pesquisador em contato direto com o que foi escrito sobre determinado assunto (LAKATOS; MARCONI, 2005). Constitui uma atividade de localização e consulta de fontes diversas de informações escritas e digitais, para coletar dados gerais ou específicos a respeito de um tema.

Identificou-se a definição de pesquisa empírica por Severino (2007) que diz respeito ao tratamento utilizado para o estudo, em que o objeto é abordado em seu próprio meio. Dentre as modalidades existentes se utiliza o estudo de caso

para a investigação científica. Assim, os dados coletados foram registrados com o necessário rigor e seguindo todos os procedimentos da pesquisa de campo, sendo que a coleta destes dados empíricos é realizada nas condições naturais em que ocorrem os fenômenos, diretamente observados, sem intervenção e manuseio por parte do pesquisador.

Para delimitação do sujeito da pesquisa foi utilizado o critério de relevância que, de acordo com Gil (1999, p.104), permite que o pesquisador selecione “os elementos a que tem acesso, admitindo que estes possam, de alguma forma, representar o universo”. A pessoa com deficiência selecionada participou de eventos em comum com umas das autoras dessa pesquisa que propiciou conhecê-lo e estabelecer conversas informais no âmbito social.

Com bases nesses dados, optou-se pela técnica de apreciação dos dados denominada análise de conteúdo. Essa alternativa de discussão e reflexões sobre os dados empíricos coletados, parte das concepções de Bardin (2009), que a define como uma técnica de tratamento de dados de pesquisa, voltada para uma análise objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo de “comunicações”. Nessa pesquisa se refere à fala do entrevistado e suas percepções, primordialmente, sobre as barreiras e dificuldades para tornar-se empreendedor e o processo de inclusão da pessoa com deficiência por meio do trabalho.

Sobretudo, para pensar e estruturar a análise de conteúdo, utilizou-se as pesquisas de Oliveira *et al.* (2003) e Campos (2004) que se subsidiam pelos estudos de Bardin (2009), apresenta-se as etapas desenvolvidas: I) Fase de pré-exploração do material ou de leituras flutuantes do corpus das entrevistas; II) A seleção das unidades de análise (ou unidades de significados); III) O processo de categorização e sub-categorização e, por fim, IV validação dos dados e da pesquisa.

Tendo em vista os encaminhamentos metodológicos escolhidos, selecionou-se a entrevista com roteiro semiestruturado como instrumento de coleta de dados. Dessa forma, foram elaboradas 46 questões abertas a partir de seis unidades de análise definidas: perfil, deficiência, empresa/produto, empreendedorismo e a pessoa com deficiência, pessoa com deficiência empreendedora e, por fim, considerações finais e avaliação. As unidades de análise se referem aos temas abordados e informações pretendidas com a entrevista, com vista ao tema de maior relevância para investigação, consequentemente, traduzindo os objetivos da pesquisa.

Após essa elaboração, agendou-se uma entrevista seguida de observação na empresa do sujeito participante da pesquisa. Ao entrar em contato com o entrevistado, uma pessoa empreendedora com deficiência, este demonstrou interesse pela pesquisa e colocou-se a disposição para participação. A ele foi explicado sobre os objetivos da pesquisa, sobre a coleta de dados, por meio de uma entrevista gravada sobre a observação na empresa frente a sua atuação, e sobre o roteiro de questões. Cabe ressaltar que o questionário foi

disponibilizado para o entrevistado via e-mail, para que pudesse ter conhecimento das questões a serem abordadas. No dia previamente marcado, a entrevista foi realizada no endereço da empresa do entrevistado, a partir do roteiro com questões semiestruturadas, sendo registrados alguns aspectos das observações das pesquisadoras sobre a organização e desempenho na empresa.

Na primeira etapa foram empregadas várias leituras/audições do material coletado na entrevista gravada e transcrita visando compreender as ideias e significados principais. Em seguida, no segundo momento, evidenciaram-se as unidades de análises, que foram elencadas, a partir do recorte do tema desta pesquisa frente aos temas aparentes no texto e não aparentes no contexto. Posteriormente, categorizou-se, de forma apriorística (antes da análise do conteúdo propriamente dito), de maneira a codificar os dados e suas características relevantes ao conteúdo dessa pesquisa. E, na quarta e última etapa, o processo de coleta de dados em leituras, unidades de análise, categorização de temas, atingiu seu processo de validação por meio da triangulação (teoria – dado empírico - teoria), partindo das concepções de autores já referenciados nesse artigo.

### 3 Resultados e Discussão

#### 3.1 Perfil: dados pessoais do entrevistado

O entrevistado possui 40 anos, não tem filhos, é divorciado e reside na cidade de Cornélio Procópio, norte do Estado do Paraná - Brasil. Possui Ensino Médio completo e hoje atua como microempreendedor individual no ramo de fotografias e vídeos. Atua nessa área há 14 anos, mas não com sua empresa propriamente dita, visto que esta foi aberta em seu nome há sete meses. Essa experiência profissional deve-se à atuação como prestador de serviço para outras empresas, nesta mesma área de fotografias e vídeos, como também, atuação no ramo de entrega e venda de bebidas (especificamente suco).

#### 3.2 Deficiência: causa, limitações e potencialidades

O entrevistado possui uma doença denominada distrofia muscular FSH - que significa fácil escapulo meiral. A doença afeta a face, por isso “*eu não consigo sorri*”, o ombro e do cotovelo para cima, bem como o quadril. Consequentemente, possui uma deficiência física causada por uma doença congênita, e é cadeirante.

Cabe destacar a informação coletada com o entrevistado que essa doença, dentre as distrofias musculares, é a mais leve e seu progresso depende da forma que cada indivíduo a cuida, pois não há cura e nem remédios. Em seu caso, atribui aos seus descuidos com a saúde física, acidente de carro, quedas e morte do pai para que ocorresse um progressivo avanço da doença, que fez necessário o uso da cadeira de rodas.

No caso, tem pessoas com mesmo tipo da minha doença que conseguem andar, não normal, mas conseguem andar... não precisa usar cadeira, consegue até levar uma vida normal. Não foi o meu caso, conforme a gente vai sentindo dificuldade,

no meu caso, por exemplo, eu corria, praticava esportes, quando eu tinha até uns 15 e 16 anos, aí depois a doença vai agravando, aí você para de correr, você sobe escada e aí começa a diminuir os degraus, aí chega uma hora que é progressiva [...] mais ou menos por aí.

Em relação à doença, o entrevistado afirmou que hoje esta está controlada, porém nos conta que sua maior dificuldade está na aceitação do uso da cadeira de rodas, que interfere em sua acessibilidade, bem como outros fatores de mobilidade. Ele faz uso da cadeira de rodas há dez anos e, atualmente, possui uma cadeira elétrica, que utiliza em quase todos os momentos do dia a dia, principalmente, para trabalhar e desempenhar suas funções na empresa. Afirmou que a deficiência restringe sua autonomia, mas que adapta suas necessidades para as possibilidades de executar suas ações no cotidiano: “Com certeza... a gente tem que ir se adaptando, no meu caso eu moro sozinho hoje... mas daí eu adaptei meu banheiro, eu adaptei minha cama, fui adaptando tudo”.

Visto que atualmente mora sozinho, ele fez adaptações específicas, como por exemplo, uma escada na altura aproximada da cadeira de rodas, composta por degraus largos para transferência da cadeira para cama. A adaptação foi projetada pelo entrevistado no computador que levou até a um serralheiro para que executasse esse projeto.

Segundo ele, andar, correr e ter acesso a locais público e ao comércio, “e no trabalho o que falta para mim é a mobilidade”, seriam as principais coisas que gostaria de realizar, mas que a deficiência o impede.

### 3.3 Empresa/produto: caracterização da atividade empreendedora

Para a empresa/produto, a fim de exibir a categoria de análise referente à caracterização da atividade empreendedora, apresentam-se as informações coletadas, por meio das questões de 17 a 29.

A empresa do entrevistado presta serviços no ramo de fotos e vídeos e está localizada no centro da cidade de Cornélio Procópio, norte do Paraná. Possui um funcionário, até mesmo porque seu empreendimento foi aberto na categoria de Microempreendedor Individual - MEI<sup>1</sup>. Em sua empresa, ele trabalhava desde a própria função administrativa até atuação como fotógrafo, filmador, produção de vídeo e edição final e contato com o cliente para venda e apresentação dos produtos e serviços ofertados pela empresa.

Falando sobre sua empresa, vinculada ao ramo de fotos e na edição de vídeos, ele declarou que: “[...] eu só faço pra mim hoje, porque chegou uma hora que eu falei que não... que eu tinha que fazer só pra mim”. Essa atitude empreendedora levou aproximadamente treze anos para que abrisse uma empresa em seu nome. No entanto, nos últimos cinco anos abriram uma empresa no nome de sua ex-esposa na qual atuava, principalmente, na parte administrativa e edição de

vídeos. O entrevistado contou sua história e relação com o mercado de trabalho no qual iniciou sua carreira profissional trabalhando para um representante na venda e entrega de uma bebida (suco de uma marca específica).

Então no meu caso eu trabalhava para um representante. Ele era de Cruzeiro do Oeste, ele fornecia aqui pra mim, pra eu trabalhar aqui na região, ... daí o que aconteceu? Esse era o momento para eu abrir a firma, pra eu pegar direto da fábrica, mas daí o que aconteceu? Uma empresa aqui de Cornélio Procópio, abriu a empresa e passaram a pegar direto. Daí eu não pude mais pegar o produto e passei a trabalhar com outra marca, [...].

Trabalhando com outra marca, ele comprava direto da fábrica, também não tinha empresa na época. Um caminhão descarregava uma vez por semana em sua casa, em que havia um cômodo separado só para isso, pa, e para colocar o suco. Segundo ele estava vendendo super bem, porém a empresa faliu e parou de fabricar o produto.

Nesse contexto, um amigo do entrevistado, após terminar um relacionamento no Brasil decide ir para fora do país, no caso Portugal, e o procura para vender uma placa de captura.

Relatou que a partir disso decidiu “vou arriscar... eu aceitei”. Seu amigo em um dia explicou como funcionava o programa e ensinou como poderia fazer materiais como casamentos, propagandas, vinhetas. De acordo com ele, nunca mais esqueceu os ensinamentos do amigo e começou a atender clientes que eram de seu amigo e outras empresas de Cornélio, de Uraí, de Londrina: “[...] cada vez foram aumentando os meus clientes, aí eu trabalhava das 8 horas da manhã até mais ou menos 11 horas noite parava só pra jantar e almoçar [...], aí eu conseguia editar dois casamentos por dia [...] era bem puxado [...]”. Dessa forma, o entrevistado trabalhava de forma terceirizada, ou seja, prestava serviços para outras empresas fazendo edições de vídeos.

A partir disso, o entrevistado falou que passou a guardar capital e foi adquirindo novos equipamentos, como por exemplo, uma filmadora que até o momento não possuía, e ao mesmo tempo pagando seus gastos de vida pessoal. Começou também a trabalhar em sua casa, a fim de fazer filmagem de casamentos:

Eu comecei a pegar casamento só pra filmagem... em casa mesmo, aí as pessoas começam a ver você trabalhando, sabe que você trabalha, conhece alguém, aí você filma um a pessoa gosta e indica,... aí comecei a trabalhar pros outros e pra gente,... aí chegou a hora que eu falei a foto é mais lucrativa, dá mais dinheiro que a filmagem, aí compramos a máquina fotográfica... pra se arriscar... a gente começou, como eu também editava foto... eu mexia com foto também no foto shop, minha esposa ia lá e fotografava batizados no domingo e aí editava as fotos e revelava e a gente ia de porta em porta vendendo foto de batizados”.

Dessa maneira, ele e sua ex-esposa passaram a trabalhar para empresas na área de fotografias, mas também resolveram abrir uma empresa. Nesse momento, abriram no nome de

<sup>1</sup> Pessoa que trabalha por conta própria e que se legaliza como pequeno empresário. O MEI também pode ter um empregado contratado que receba o salário mínimo ou o piso da categoria.

sua ex-companheira em parceira com um sócio, porém a sociedade logo se desfz e ele continuou o negócio junto com ela. Na empresa da ex-mulher, fazia a edição dos vídeos, parte contábil e administrativa e pendências junto ao banco.

O entrevistado comentou que conta com freelancer<sup>2</sup> para fazer as coberturas nos eventos em que é contratado como, por exemplo, em casamentos. Estas pessoas filmam e tiram fotos e partir do material coletado por eles, o entrevistado faz as edições e montagens nas fotos em vídeos, monta, faz a montagem do álbum, do vídeo, e se for preciso também vai até o evento para fazer fotos e filmagens específicas. Afirmou que conseguiu se adaptar a este ramo de atuação profissional, apesar das suas limitações advindas da deficiência física. Segundo ele, não houve incentivo de sua família e amigos perante a sua atitude empreendedora.

Dessa forma, o entrevistado abriu sua empresa a partir do bom relacionamento que tinha com os clientes e que, estes por sua vez, recomendavam seu trabalho aos outros fazendo com que aumentasse sua rede de atendimento. Além disso, destacou ter idealizado um trabalho em que poderia diminuir sua carga de trabalho de forma terceirizada investindo em equipamentos, qualidade do trabalho e melhorar sua qualidade de vida.

### **3.4 Empreendedorismo e a pessoa com deficiência: dificuldades e barreiras para tornar-se empreendedor**

O entrevistado se considera um empreendedor, pois não se esquivou em arriscar-se na tentativa de ter sua própria empresa, bem como ter autonomia para administrar sua vida financeira, social e familiar.

Considera que sua empresa oferta qualidade, pois conhece profundamente o produto e serviço prestados pela empresa, bem como a rapidez na entrega do material comprado pelo cliente. Segundo ele, esses elementos promovem a confiança do cliente em seu trabalho e na empresa. De acordo com ele, sua escolha pela atuação profissional na área de fotos e vídeos se deu pela habilidade que possui no uso do computador e suas ferramentas, além das limitações em outras opções de trabalho advindas da deficiência que possui.

Admite que sua empresa surgiu de uma necessidade e de uma oportunidade: primeiramente porque estava desempregado, mas também com uma chance que se inicia na compra do equipamento de um amigo, poucas pessoas que dominavam a edição de vídeos na cidade e domínio das ferramentas disponíveis pelos equipamentos.

Destaca que dentre as dificuldades e barreiras enfrentadas para tornar-se empreendedor estão: juntar capital ao modo em que há contas pessoais imediatas a serem pagas trabalhando inicialmente como terceirizado, alugar um local, saber investir no equipamento adequado, satisfazer os desejos dos clientes, ter acessibilidade e mobilidade. Porém, enfatiza a sua maior

dificuldade que perdura no atendimento de seus clientes na empresa.

A maior dificuldade que a gente tem é quando [...] chega um cliente olha você na cadeira de rodas e acha que você é incapaz. E fala: ‘Você que vai filmar meu casamento? Quem trabalha pra você?’ Na verdade uma filmagem tem edição, uma foto tem edição [...] tem como melhorar. Tem muito fotógrafo que só tira foto e não consegue editar uma filmagem, uma foto, não consegue montar um álbum, e tem que terceirizar, eu não, eu faço tudo [...] eu não preciso terceirizar.

As pessoas com deficiência podem receber uma bolsa de prestação continuada, que é chamada de BPC – ou LOAS, o entrevistado não a requereu. Comenta que considera este subsídio um não incentivo ao trabalhar da pessoa com deficiência, pois somado à discriminação social e ao preconceito em relação a estas pessoas, há o medo e insegurança de abrir seu próprio negócio.

Eu conheço por LOAS, e é claro que por causa da deficiência você fica um pouco receoso. O que eu pensei no caso para abrir um negócio [...], foi: a nossa vida é curta [...] a gente está aqui para viver [...] então eu preferi me arriscar [...] não recebo este benefício [...] não sou aposentado, e enquanto eu conseguir trabalhar, eu vou trabalhar, até chegar a hora que não dá mais. Eu acho que isso prejudica, porque eu acho que tem muitos deficientes que tem capacidade de trabalhar, mas o que, às vezes, os impede é a locomoção.

Explicou que uma das primeiras dificuldades foi para abrir a porta da empresa.

eu não consigo levantar a porta, daí eu pensei: não vai dar, eu vou precisar de um funcionário pra levantar e baixar a porta, mas daí eu meti a cara, sai de casa pra trabalhar, porque não tem como arrumar um funcionário de uma hora pra outra, aí eu vim trabalhar [...] fiquei aqui na frente e pedi pra primeira pessoa que passou me dá uma ajuda [...] toda vez que eu venho trabalhar alguém diferente me ajuda, eu pensei em por uma porta eletrônica, mas também não é viável.

O entrevistado aponta que seu maior desafio pensando no dia a dia no âmbito social e profissional na sua empresa está na própria condição de ser uma pessoa com deficiência física: precisa se adaptar a algumas situações no atendimento ao cliente (como, por exemplo, pegar um quadro em cima da estante para oferecer ao cliente), baixa procura no comércio e crise financeira da população, bem como número menor de pessoas que se casam e fecham pacotes completos para cobertura deste evento. Para tanto, o entrevistado salienta que percebeu que seus clientes estão tendo outras necessidades e, com isso, teve outro olhar para inovar e agora oferta produtos de interesse comercial, os quais tem potencial maior de venda.

### **3.5 Pessoa com deficiência empreendedora: característica do perfil empreendedor**

O entrevistado assegura que como próprio líder de sua empresa é uma pessoa que tem domínio técnico e conhecimento profundo de sua área de atuação, bem como acredita em seu

2 Termo inglês para denominar o profissional autônomo que se autoemprega em diferentes empresas ou, ainda, guia seus trabalhos por projetos, captando e atendendo seus clientes de forma independente.

potencial. Consequentemente, esses elementos somados a suas experiências pessoais como uma pessoa com deficiência, segundo ele, possibilitaram que tivesse menos medo de arriscar e ter mais confiança em si mesmo.

Eu me descreveria assim como uma pessoa que sabe o que está fazendo, que tem potencial, dou conta do que faço e hoje acho que até pelo que passei consigo me arriscar mais, eu acho que sempre importante estar buscando investir em novas coisas, isso acho que é o mais importante porque você não pode parar no tempo.

De acordo com o entrevistado, sua maior satisfação, como empreendedor, está relacionada à satisfação do cliente, quando lhe parabeniza pelo excelente trabalho executado e entregue. Destacou que se capacita constantemente, buscando por tutoriais e cursos na internet, bem como promovendo oficinas para seu funcionário e *freelances*, buscando aprimorando a técnica da fotografia e da filmagem. Salienta-se que o entrevistado, em sua trajetória, por causa da deficiência, já teve vontade de desistir em determinados momentos.

[...] há momentos que penso é melhor pegar o benefício e ficar em casa, até hoje minha mãe diz: você não precisa, vai atrás de uma aposentadoria, se você precisar de algo te ajudo, mas eu digo que não faço apenas por dinheiro, não que eu não precise de dinheiro, não só para o sustento, mas também para o lazer [...] e qualidade de vida também.

Esta fala foi acrescida de um comentário pelo entrevistado afirmando que já perdeu oportunidade de serviços por conta da deficiência. Segundo ele, clientes ao fazerem sua pesquisa de preço duvidam de sua capacidade para a prestação deste serviço. “Já perdi... já sim..., às vezes a pessoa diz assim: “ah, mas é você que vai fazer?”. Tais perguntas, para ele, estão carregadas de preconceitos para com a pessoa com deficiência e sua capacidade profissional. Porém, o entrevistado contou que já houve casos diferentes, em que se surpreendeu com as atitudes dos clientes como, por exemplo:

Já aconteceu o contrário, também, por exemplo: o cliente fechou um casamento comigo e ao chegar da hora, o cliente ficar desesperado porque eu não fui tirar foto..., na época eu não tirava, foram meus funcionários, houve uma noiva que disse: Eu fechei com o dono, cadê ele? Ele disse que viria tirar as fotos de meu casamento...na época... eu não tirava foto... eu só editava.

Para o futuro de sua empresa, o entrevistado que já identificou novos interesses e necessidades de seus clientes está planejando a aquisição de uma máquina, que revela fotos na hora, bem como sempre há uma porcentagem que destina todo mês para futuros investimentos em sua empresa. Sempre busca leituras sobre os assuntos, notícias e informações sobre sua área de atuação para melhor discernir a qualidade e investimento adequado para sua empresa e suas necessidades.

### **3.6 Empreendedorismo: possibilidade da inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho**

Evidencia-se que, por meio da entrevista e do levantamento de informação quanto à percepção do entrevistado que possui

uma deficiência, o empreendedorismo possibilitou sua inclusão no mercado de trabalho.

Para o entrevistado, o trabalho autônomo por meio do empreendedorismo traz maior prazer, motivação, independência e autoestima para a pessoa com deficiência. Ele afirma que é uma satisfação enorme mostrar seu potencial e revelar sua competência profissional e não limitação a benefícios do governo como forma de assistência social.

O entrevistado aponta que para as pessoas que estão pensando em abrir seu próprio negócio ficam as seguintes sugestões: estudar e entender a área pretendida, pesquisar e assistir tutoriais na internet, que são ferramentas importantes para capacitação e atualização de coisas novas e inovadoras no setor, ter um capital inicial, pois sempre há imprevistos não calculados precisamente, buscar sempre um diferencial no mercado e oferecê-lo com qualidade.

Além disso, destacou que o empreendedor deve ter claro que os momentos mais difíceis da empresa não estão resumidos apenas nos três primeiros anos, mas sim são desafios constantes, pois há uma necessidade constante de manter-se no mercado, que é, segundo ele, a maior dificuldade de um empreendedor. Outro aspecto relevante sublinhado pelo entrevistado foi abordado em relação de que:

[...] deve-se arriscar, porque se der errado... ao menos você sabe que aquilo não é para você..., porque você errando vai buscando oportunidades..., bastante gente que eu conheço que se arriscou... a maioria se deu bem..., tem gente que lógico não dá certo e procura fazer outra coisa. E outra pra você saber empreender o principal é saber administrar.

Com relação à pessoa com deficiência, frisou que o mais importante no convívio e relação social deve predominar o diálogo e, que antes de qualquer ação, perguntar à pessoa o que ela precisa. Alerta também que a pessoa com deficiência pode e deve pedir ajuda e colaboração para suas ações, visto que isso, segundo o entrevistado, contribui para inclusão social: “[...] o importante é você se adaptar e ir facilitando sua vida”.

Destacou que o trabalho acarretou a ele maior confiança e independência, e maior qualidade de vida e, consequentemente, lazer. Afirmou que, em sua maioria, as pessoas com deficiências são mais empenhadas, bem como têm até mais capacidade, fazem trabalhos com maior qualidade e eficiência, por isso acredita que o benefício (BPC) “prejudica até nisso... nessa parte da pessoa não correr atrás com medo de arriscar...”.

De acordo com ele, é difícil encontrar uma pessoa com deficiência empreendedora. Dessa maneira, acredita que esta entrevista e sua divulgação em forma de pesquisa, contribuirão qualitativamente para incentivar as pessoas com deficiência: primeiramente a acreditarem em seu potencial, segundo que é possível arriscar e empreender com sucesso e, terceiro, mostrar que seu caso, mesmo com barreiras e dificuldades, os supera cotidianamente, e que é capaz. Por fim, destaca que seu esforço é recompensado diariamente, usufruindo da plena satisfação de independência social e profissional.

Nesse sentido, a possibilidade do empreendedorismo para a pessoa com deficiência representa um processo qualitativo para inclusão no mercado do trabalho e social. Por sua vez, subsidiado pela educação empreendedora é possível minimizar dificuldades e ampliar, qualitativamente, as oportunidades de sucesso no negócio pretendido pelo empreendedor. Vale contextualizar que o cenário educacional brasileiro apresenta dificuldades para assegurar a Educação Básica de qualidade para todos que foi universalizada a partir da década de 1990, bem como há fatores econômicos, políticos e sociais que ampliam o número de jovens e adultos que ainda não concluem os estudos na idade correta.

Porém, a universalização não acompanhou a oferta de “qualidade e as especificidades necessárias para um contingente populacional tão amplo, oriundo de diferentes contextos culturais e sociais” (PINTO, 2013, p.282). Quando se refere à qualidade da educação empreendedora, trata-se da capacidade em desenvolver no empreendedor habilidades e competências em suas atividades, sejam estas competitivas e/ou sustentáveis, ou seja, um duplo desafio em quantidade e da qualidade no empreendimento (LOPES, 2010; PINTO, 2013; SANTOS, 2013).

Segundo Santos (2013), o desafio da educação empreendedora consiste em desenvolver a capacidade de implementar os instrumentos e as metodologias para a transmissão do conhecimento. “Para estar à frente de um negócio, não basta conhecimento, (saber) é necessário também habilidades (saber fazer)” (SANTOS, 2013, p.33). Portanto, o desenvolvimento de habilidades não se limita à apreensão de conhecimentos já existentes.

Pinto (2013) sublinha que os caminhos a serem traçados em uma educação empreendedora no Brasil podem ser potencializados pela aliança entre a comunicação e a educação. Essa estratégia resulta em um conjunto de medidas, que garantam a formação continuada de jovens e adultos no mundo do trabalho, atualização de conhecimentos e competências, e superação dos desafios educacionais atendendo a um grande número de pessoas.

O contexto histórico, social e cultural, a pessoa com deficiência foi motivada a lutar pelos direitos enraizados no assistencialismo e tutela gerados pela dependência da assistência médica e reabilitação (SASSAKI, 2006). O movimento de luta por direitos pelas pessoas com deficiência caracterizou um lema: “Nada de NÓS sem NÓS”. Neste sentido, a transformação do lema em norma/legislação expressa e considera que “as pessoas com deficiência devem ter a oportunidade de participar ativamente das decisões relativas a programas e políticas, inclusive as que lhes dizem respeito diretamente” (BRASIL, 2009). Tendo tais aspectos em vista, sabe-se que, neste processo de inclusão e inserção no mundo social e do trabalho: “[...] há recursos tecnológicos [...], que potencializam as habilidades e a autonomia das pessoas com deficiência, permitindo que, de fato, ajam como protagonistas e possam viver normalmente” (DOLABELA;

TORQUATO, 2015, p.42).

Desta forma, a tecnologia se apresenta como uma ferramenta estratégica para plena inclusão da pessoa com deficiência em todos os aspectos da vida humana. Surge, então, a necessidade de discussão e reflexão sobre o desenho universal e acessibilidade que otimiza as capacidades e possibilitam participar do contexto social. Contudo, emerge a crítica de que “[...] o ambiente pouco facilita a mobilidade, tão necessária para que as pessoas com deficiência possam circular na cidade e acessar locais onde se encontram os serviços de que necessitam” (DOLABELA; TORQUATO, 2015, p.44). Tais fatores comprometem o acesso à educação e a capacitação profissional da pessoa com deficiência, e neste círculo vicioso, conforme comenta Dolabela e Torquato (2015, p. 44) “[...] impacta diretamente na capacidade de trabalho e de geração de renda da pessoa com deficiência que, com regra, chega à idade adulta sem ter obtido condições ideais de educação e formação profissional”.

Em suma, o empreendedorismo seria uma possibilidade qualitativa para inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, bem como uma ferramenta que possibilita minimizar problemas sociais e históricos e sua capacidade empreendedora.

#### 4 Conclusão

À guisa de conclusões se retoma ao problema de pesquisa: Qual o papel da atividade empreendedora na inserção de pessoas com deficiência no mercado produtivo? Nesse sentido, encontraram-se elementos históricos e conceituais do empreendedorismo, que indicam que a partir das necessidades, o empreendedor pode encontrar oportunidades para preencher lacunas na vida econômica e social, criando algo que possibilita a inclusão e produção de trabalho.

Nessa perspectiva, identificou-se que a acessibilidade e mobilidade podem representar as principais dificuldades e barreiras para pessoa com deficiência tornar-se um empreendedor. Porém, houve outros aspectos relevantes como: assistência social governamental, proteção e não incentivo familiar, falta de conhecimento técnico da área de atuação e da área de plano de negócios, que também estão articuladas com resquícios históricos e culturais da discriminação e exclusão da pessoa com deficiência do mercado de trabalho.

Contudo, para superar e minimizar tais barreiras e dificuldades evidenciou-se que o empreendedorismo é uma possibilidade qualitativa para inclusão da pessoa com deficiência no mercado de trabalho, bem como ferramenta que possibilita tornar mínimos os problemas sociais e históricos em relação à pessoa com limitações e a capacidade empreendedora desta.

Os resultados encontrados foram de extrema relevância para a pesquisa, a qual atingiu seu objetivo e esclareceu que o empreendedorismo é uma possibilidade no processo de inclusão da pessoa com deficiência neste campo. Consequentemente, tais dados e análises refletem indicativos

potenciais para investimentos na educação empreendedora como colaboradora do processo educacional das pessoas com deficiência, que almejam uma formação autônoma, crítica e reflexiva de seu papel social e inserção no mercado de trabalho.

Acredita-se que essa iniciativa pode ser somada a várias contribuições científicas e novos estudos nessa abordagem, a fim de elaborar uma proposta adequada e consistente para reduzir desigualdades sociais e educacionais, além da implementação e consolidação da inclusão da pessoa com deficiência na realidade brasileira de maneira qualitativa e quantitativa.

## Referências

- BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2009.
- BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília: Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos, 1988. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/ConstituicaoCompilado.htm)> ; Acesso em: 20 fev. 2016.
- BRASIL. Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007, realizada e aprovada em 2006 pela ONU. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/decreto/d6949.htm)>. Acesso em: 8 maio 2016.
- BRASIL. Lei nº 12.435, de 6 de julho de 2011, altera a Lei no 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social. Brasília: CN, 2011. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Lei/L12435.htm)>. Acesso em: 26 maio 2016.
- BRASIL. Lei nº 8.742, de 7 de dezembro de 1993, que dispõe sobre a organização da Assistência Social e dá outras providências. Brasília: CN, 1993. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/18742.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18742.htm)>. Acesso em: 26 maio 2016.
- CAMPOS, C.J.G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev. Bras. Enferm.*, v.54, p.611-614, 2004.
- DOLABELA, F.; TORQUATO, C. *Empreendedorismo sem fronteiras: um excelente caminho para pessoa com deficiência*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2015.
- ELIAS, D.A. *O desafio da formação e inclusão no mercado de trabalho de pessoas com deficiência*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2012.
- GIL, A.C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GIL, M. *O que as empresas podem fazer pela inclusão das pessoas com deficiência?* São Paulo: Instituto Ethos, 2002.
- LAKATOS, E.M.; MARCONI, M.A. *Fundamentos de metodologia científica*. São Paulo: Atlas, 2005.
- LOPES, R.M.A. Referenciais para a educação empreendedora. In: LOPES, R.M.A. *Educação empreendedora: conceitos, métodos e práticas*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010. p.17- 44.
- OLIVEIRA, E. *et al.* Análise de conteúdo e pesquisa na área da educação. *Rev. Diálogo Educ.*, v.4, n.9, p.11-27, 2003.
- MANHÃES, V.S. Breve análise da legislação das políticas públicas de empregabilidade para pessoas com deficiência. *Cad. Gestão Pública Cidadania*, v.15, n.57, p.254-262, 2010.
- PINTO, M.D. Caminhos para uma Educação Empreendedora: Aliança entre Comunicação e Educação. In: SANTOS, C.A. *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: educação empreendedora*. Brasília: SEBRAE, 2013. p.281-295.
- RADENTI, D.G.; GARCIA, A.; OLIVEIRA J. O ensino do empreendedorismo para pessoa deficiente: primeiros passos. In: GHOBRI, A.N.; PEREZ, G.; CASTILHO, P.V. *O modelo da tripla hélice: temos de fato ecossistemas empreendedores?* São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2015.
- RIBEIRO, R.P.; LIMA, M.E.A. O trabalho do deficiente como fator de desenvolvimento. *Cad. Psicol. Soc. Trabalho*, v.13, n.2, p.195-207, 2010.
- RODRIGUES, D. *Inclusão e educação: doze olhares sobre a educação inclusiva*. São Paulo: Summus, 2007.
- SANTOS, C.A. Desafios da educação empreendedora: revisitando Schumpeter. In: SANTOS, C.A. *Pequenos negócios: desafios e perspectivas: educação empreendedora*. Brasília: SEBRAE, 2013. p.29-43.
- SARAIVA, L.A.S.; IRIGARAY, H.A.R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso? *RAE*, v. 49, n. 3, p.337-348, 2009.
- SASSAKI, R.K. Como chamar as pessoas que têm deficiência? In: SASSAKI, R.K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 2006.
- SASSAKI, R.K. *Emprego apoiado como forma de inclusão de pessoas com deficiência severa no mercado de trabalho*. São Paulo, 2003.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2007.
- SOUZA, E.C.L.; GUIMARÃES, T.A. *Empreendedorismo além do plano de negócio*. São Paulo: Atlas, 2006.
- WALDEMAR, T.M.N. *Inclusão educacional de pessoas com deficiências no Instituto Federal de Minas Gerais*. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro Universitário UNA. Belo Horizonte, 2012.